



Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Licenciatura em Letras/Português
Monografia em Literatura

SAMUEL MARIANO DE CASTRO
MATRÍCULA: 14/0108467

A ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XIX REPRESENTADA EM
ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

MENÇÃO	SS
---------------	-----------

ORIENTADOR
Prof. Dr. Omar da Silva Lima

Brasília- DF
1º/2015

SAMUEL MARIANO DE CASTRO

**A ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XIX REPRESENTADA EM *ÚRSULA*, DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras à mesa da Jornada de Monografia em Literatura, sob a orientação do Prof. Dr. Omar da Silva Lima.

Universidade de Brasília
Brasília - 2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha amada esposa, Viviane Borges da Silva, dedicada mãe e esposa, que por diversos dias e noites, durante minha ausência na longa jornada diária da minha vida acadêmica, teve que conduzir sozinha o nosso lar ser mãe e pai do nosso anjo, Gustavo, para que eu pudesse concluir este Curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Omar da Silva Lima, pela generosidade, compreensão e paciência com que me tratou e com o qual pude conhecer e aprender sobre a cultura negra, fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos meus queridos amigos Dawesley, Deividson e Joemberto por dividirem comigo momentos distintos e especiais principalmente, no trabalho.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar e discutir sobre a representação do período escravocrata no século XIX, segundo a visão do negro e do branco tendo como ponto de partida a abordagem do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. O romance foi publicado em 1859, em pleno Romantismo, no qual a escravidão é abordada pela perspectiva do escravo. Sua narrativa constitui uma voz dissonante na literatura do século XIX por escrever sobre escravos lhes dando voz e principalmente por ser mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Gênero. Etnicidade. Historicidade.

ABSTRACT: This study have got target to analyze and discuss about of the representation of the enslaver period in the nineteenth century, according to the black and white picture taking as its starting point the romance approach *Ursula*, of Maria Firmina dos Reis. The romance was published in 1859, in the romanticism, in which slavery is addressed by slavery narrative perspective is a dissonant voice in nineteenth-century literature by writing about slaves giving them a voice and especially be a woman.

KEYWORDS: Literature. Gender. Ethnicity. Historicity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 – A ESCRAVIDÃO	8
2 – A ESCRAVIDÃO NO ROMANCE ÚRSULA	10
2.1 – A ESCRAVIDÃO PELO OLHAR DO NEGRO	12
2.2 – A ESCRAVIDÃO PELO OLHAR DO BRANCO	17
CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar e discutir sobre a representação do período escravocrata no século XIX, segundo a visão do negro e do branco tendo como ponto de partida o livro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

Nascida em 11 de outubro de 1825, no bairro de São Pantaleão, na Ilha de São Luís, capital da província do Maranhão, Maria Firmina dos Reis foi registrada por João Esteves e Leonor Felipa dos Reis. Faleceu na vila dos Guimarães em 11 de novembro de 1917, aos 92 anos, cega e pobre.

Autodidata, antes de se tornar escritora exerceu a profissão de professora primária na cidade de Guimarães, tendo sido aprovada em primeiro lugar para a vaga do concurso público estadual, aposentando-se em 1881. Em 1880, fundou a primeira escola gratuita e mista do Maranhão, ou seja, para ambos os sexos, como descreve Norma Teles (2010):

Um ano antes de aposentar-se, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçarico, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época.

Ao publicar *Úrsula* em 1859, Maria Firmina torna-se a primeira afrodescendente brasileira a escrever um romance abolicionista. Em sua primeira edição Maria Firmina usou o pseudônimo “uma maranhense”, fato comum em uma época em que a mulher sofria com preconceitos e tinha seus espaços limitados.

O artigo de Régia Agostinho da Silva inicia-se com uma notícia publicada pelo Jornal "A Moderação", no dia 11 de agosto de 1860:

ÚRSULA - Acha-se à venda na Tipografia do progresso, este romance original brasileiro, produção da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães. Saudamos a nossa comprovinciana pelo seu ensaio que revela de sua parte bastante ilustração; e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião, que desde já afiançamos não será desfavorável à nossa distinta comprovinciana.

Ainda segundo o artigo da professora Régia Agostinho, a escrita pública no século XIX era considerada uma prática masculina, restando pouco espaço para as mulheres tocarem em assuntos como escravidão e abolição. E que talvez por isso

tenha permanecido isolada da literatura brasileira como podemos perceber num artigo do Jornal "A Verdadeira", também em destaque no artigo:

Raro é ver o belo sexo entregar-se a trabalhos do espírito, e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afãs das lides literárias. Quando, porém, esse ente, que forma o encanto da nossa peregrinação na vida, se dedica às contemplações do espírito, surge uma Roland, uma Stael, uma Sand, uma H. Stowe, que vale cada uma delas mais do que bons escritores; porque reúne à graça do estilo, vivas e animadas imagens, deliciosos quadros, e esse sentimento delicado que só o sexo amável sabe exprimir. Se é, pois, cousa peregrina ver na Europa, ou na América do Norte, uma mulher, que, rompendo o círculo de ferro traçado pela educação acanhada que lhe damos, nós os homens, e indo por diante de preconceitos, apresentar-se ao mundo, servindo-se da pena e tomar assento nos lugares mais proeminentes do banquete da inteligência, mais grato e singular é ainda ter de apreciar um talento formoso, e dotado de muitas imaginações, despontando no nosso céu do Brasil, onde a mulher não tem quase educação literária, onde a sociedade dos homens de letras é quase nula.

Embora sua obra tenha sido manchete em sua época, como dito, esta permaneceu esquecida até 1962, quando o historiador Horácio de Almeida encontrou em um sebo no Rio de Janeiro uma edição fac-símile do Romance *Úrsula*. Essa edição foi doada ao Governo do Maranhão e, em seguida reeditada em três edições em 1975, 1988 e 2004.

Este episódio não é apenas o achado de um documento histórico ou de mais um romance, é o resgate de uma joia rara que foi lapidada pelas mãos de uma mulher forte, corajosa, humilde, percebendo aspectos inerentes à sua época, com pensamentos e ideias pela igualdade de direitos e de oportunidades como será observado mais adiante.

1. A ESCRAVIDÃO

A presença do negro no Brasil confunde-se com a história da escravidão. Sabe-se que várias tribos e reinos africanos praticavam a escravidão dos vencidos na guerra, mas a presença do homem branco transformou essa prática num empreendimento econômico que promoveu vasta desorganização nas sociedades africanas.

Milhões de escravos entraram no Brasil, até o século XIX, vindos da Guiné, Angola e Moçambique, respectivamente 100 mil, 600 mil e 1,3 milhão de homens. Se tornando, do ponto de vista econômico, um dos principais empreendimentos comerciais do mundo atlântico.

Estima-se que em torno de 30% a mortalidade dos cativos nas viagens, transportados em porões superlotados, sem condições de higiene e mal alimentados. Esta condição desumana em que foram transportados foi narrada em *Úrsula*:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. (*Úrsula*, 2004, p 117)

O escravo trabalhava nos canaviais, tratando dos roçados, do plantio e da colheita; nos engenhos, na lavoura do tabaco, nas minas de ouro e nas casas, como escravo doméstico, condição do personagem Túlio, na obra.

O Brasil foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. Depois de mais de três séculos de escravidão, o desfecho desta barbárie não poderia ter sido pior. Com o fim da escravidão, muitos negros ficaram sem ter onde morar nem como sobreviver. Uma boa parte da elite brasileira estava interessada na mão de obra

européia, numa tentativa de embranquecer o País. Este fato fez com que os negros vivessem às margens da sociedade.

A nova perspectiva do objeto da história é incluir a opinião de pessoas comuns e suas experiências sob seu ponto de vista dos acontecimentos do mundo a sua volta, e no caso deste trabalho o enfoque é a escravidão. Normalmente quando se fala em escravidão é apenas mencionado que os escravos eram arrancados de sua terra e obrigados ao trabalho forçado no Brasil, e que depois de séculos foram libertos pela Lei Áurea. Esta nova perspectiva dá voz às pessoas comuns que viveram e/ou que sofreram com a escravidão. É a visão de dentro para fora dos acontecimentos históricos com nomes e rostos.

É a partir desta perspectiva que se baseia este trabalho, em que Maria Firmina dos Reis traz sua visão da escravidão, de dentro para fora desta.

2. A ESCRAVIDÃO NO ROMANCE *ÚRSULA*

O romance *Úrsula* narra a seguinte história: o jovem Tancredo cavalgava desorientado, sofrendo pela dor de uma traição de Adelaide, seu primeiro amor, com seu pai, quando seu cavalo, completamente exausto, cai levando os dois ao chão, deixando-o gravemente machucado. Tancredo é socorrido por Túlio, um jovem escravo, a quem Tancredo agradece com dinheiro. Túlio imediatamente compra sua alforria. O escravo o leva até um sítio onde moravam Úrsula e sua mãe, que é parálitica. Úrsula cuida do cavaleiro. Este, aos delírios, se recuperou lentamente. Em Úrsula, enquanto velava seus dias e noites de enfermidade, surge um amor arrebatador.

A donzela evitava ver Tancredo e para saber como se recuperava perguntava a Túlio, haja vista sua perturbação diante dele. Em um de seus passeios matinais, o jovem a surpreende e declara todo seu amor e ao ser questionado quanto a Adelaide, nome que dissera diversas vezes em seus delírios, Tancredo diz que a despreza, pois a mesma o havia traído com seu próprio pai. O jovem mancebo acaba por contar à Úrsula sua desventura que o tornou um cavaleiro errante até parar na propriedade da moça. Após passar seis anos em São Paulo, onde concluiu a Faculdade de Direito, Tancredo volta para casa onde se depara com seu pai que humilhava e causava sofrimentos à sua mãe. Além disso, agora morando na casa de seus pais, estava sua prima que ficou órfã, Adelaide. O mancebo se apaixonou imediatamente por sua prima e achou que seu amor foi correspondido. Decidiram se casar, sua mãe foi falar com seu pai que recusou rispidamente. Ao saber da recusa, o jovem foi conversar com seu pai que lhe deu seu consentimento, porém com a condição de que aceitasse um emprego em uma cidade distante. Tancredo aceitou.

Tancredo trocava correspondências com sua mãe e Adelaide. Aos poucos Adelaide foi diminuindo a quantidade de envio de cartas até que cessaram. Tancredo cai perigosamente doente por conta disso. Após recuperar-se, ao chegar a sua casa, leu algumas cartas que havia chegado na sua ausência, em uma delas lê a notícia da morte de sua mãe. Novamente cai enfermo e ao se recuperar vai à casa de seus pais, lá encontra Adelaide no meio da sala, vestida luxuosamente, corre para tê-la em seus braços, porém ela, inesperadamente, o repreende e pede para que ele respeite a esposa de seu pai. Tancredo descarrega toda a sua fúria aos dois

com acusações e os amaldiçoam, tomado pelo ódio, saiu a cavalo vindo a ter o acidente em que foi socorrido pelo escravo Túlio.

Tancredo relata suas desventuras à Úrsula e se compromete de que ao regressar de uma necessária viagem se casaria com sua amada e ao dizer seu nome completo à mãe de Úrsula, esta percebe sua origem nobre e que o jovem casal eram primos. Apesar do espanto e de inicialmente questionar se realmente um homem de origem tão nobre iria querer ter como sua esposa uma pobre e órfã os abençoa após ver no olhar dos jovens todo o amor que neles existia.

Antes de Túlio partir com Tancredo, o negro ouve um verdadeiro sermão de preta Susana sobre liberdade. Úrsula, em um bosque, se despede de seu amado. Com saudade de seu amor a donzela volta ao bosque no mesmo local onde se despediram. Inesperadamente, neste momento ouviu um estampido de um tiro e cai a seus pés uma ave que vem a morrer devido ao ferimento sofrido. A moça assustou-se com um homem armado e de aparência medonha que, ao vê-la, imediatamente se apaixonou e a ela prometeu todo seu amor. Ela conseguiu momentaneamente se livrar deste estranho que a ameaça ao ver que a jovem não corresponde às suas investidas. Este estranho é seu tio, Fernando, o comendador.

Fernando envia uma carta à Luísa, sua irmã, onde pede desculpas pelos sofrimentos causados e uma conversa com ela, porém chega a sua casa sem avisar. Fernando revela à Luísa que matou seu marido, e que pretende reparar seu erro casando com Úrsula. Luísa fica chocada com que houve. O comendador se despede prometendo voltar para casar-se com a jovem. Úrsula vai ao quarto de sua mãe, que estava a morrer, e ouve dela que Fernando é o assassino de seu pai e pede para que fuja e que nunca se case com o comendador. Pouco tempo depois, Luísa falece. Úrsula desmaia junto ao túmulo de sua mãe, onde fica até o início da noite sendo socorrida por Tancredo e Túlio. Com receio do que Fernando pudesse fazer com a jovem, seu amado a leva para um convento para que fique a salvo da loucura do comendador e para se casarem.

Conforme havia prometido, Fernando vai até à casa de Úrsula com um padre e, ao escutar de Susana que a Úrsula teria ido sozinha ao cemitério, fica enfurecido, não acredita e sai em disparada em direção ao cemitério. E após descobrir que foi enganado pela escrava, manda levá-la à sua fazenda a fim de torturá-la, apesar das súplicas do padre, este não o dá ouvidos. Porém, imaginando que mais cedo ou mais tarde o comendador fosse descobrir a mentira, Susana vai caminhando até a

casa do comendador para afrontá-lo e se entregar as suas torturas. Ao chegar à casa de Fernando, enquanto preta Susana é interrogada, um escravo avisa que Úrsula foi vista com um cavaleiro branco e um negro se dirigindo a um convento.

Túlio ao caminhar por uma travessa deserta é sequestrado por dois homens que o levam à presença do comendador. Este oferece metade de sua fortuna para que Túlio traia Tancredo e assim possa matá-lo. Túlio não aceita tal proposta. O comendador explode em fúria e manda prendê-lo ficando sob vigilância do escravo Antero. O amigo de Tancredo, sabendo que Antero tinha problemas com bebidas, dá dinheiro para que se embriague, e assim conseguir sua fuga. E após conseguir embebedar seu carcereiro, corre desesperadamente para o convento a fim de avisar das intenções de Fernando. Ao ver a carruagem que leva os recém-casados, avisa da emboscada, e acaba sendo morto a tiro pelo comendador. Tancredo abre a portinhola da carruagem e acerta um tiro no comendador. Cercados por capangas de Fernando, Úrsula sai da carruagem e se atira aos pés do seu tio, pedindo para que poupe a vida de seu marido, que é imobilizado pelos capangas e acaba morto a punhaladas.

Úrsula fica louca e, dias depois, morre. Fernando, atormentado pelas atrocidades que cometeu, torna-se Frei Luís de Santa Úrsula, e muitos o chamam de “o louco”.

Através deste resumo detalhado, percebe-se o retrato da escravidão sob o olhar de Maria Firmina dos Reis, nos idos da segunda metade do século XIX, em que o confronto entre branco e negro, o último sempre estava em desvantagem.

2.1. A Escravidão pelo Olhar do Negro

Conforme citado anteriormente, Maria Firmina publica *Úrsula* em um período em que a escrita pública era considerada uma prática masculina, ciente de tal condição a autora, no prólogo, apresenta seu livro ao leitor de maneira humilde e, de certa forma, irônica:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. (...) Sei que pouco vale este romance, porque escritor por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e

conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutirem e corrigem... (Úrsula, 2004, p. 13)

Diante dos horrores da escravidão que presenciou e apesar deste não ser um tema para ser tratado por mulheres, Maria Firmina não se cala, o poeta não pode evadir-se de sua época, que é sua. Sua época foi feita para ele e ele para a sua época.

O romance é iniciado com um lindo e límpido cenário digno de campos europeus, com um nobre e jovem cavaleiro, e como personagem principal temos *Úrsula*, uma jovem donzela que cuida de sua mãe, que é parálitica, com presteza e suavidade angelicais. A jovem conhece o jovem cavaleiro e é tomada por um amor arrebatador. E durante a inevitável partida de seu amado, a jovem encontra um ser sombrio o qual se apaixona imediatamente por ela e que posteriormente acaba por descobrir que este estranho é seu tio, o comendador, que matou seu pai e que agora fará de tudo para tê-la como sua mulher. Os jovens tentam se casar às escondidas quando são surpreendidos pelo comendador que acaba por matar o cavaleiro a punhaladas, Úrsula, por desgosto, acaba enlouquecendo e morrendo em seguida. Seu tio termina seus dias em um convento com a identidade de Frei Luis de Santa Úrsula.

Com estrutura dos romances canônicos a escritora, inicialmente, traz o leitor para a leitura, a primeira vista, de um romance como outros da época com um cavaleiro branco, donzelas, paixões avassaladoras, traição, um comendador, escravos, morte, loucura e religiosidade. Esta é na verdade uma suave e poderosa armadilha para que no desenrolar de seu romance, tendo conseguido prender seu leitor, possa mostrar as atrocidades da escravidão com as personagens secundárias, o que na verdade é o que realmente a autora pretende.

Com esta armadilha, Maria Firmina, em *Úrsula*, denuncia os horrores da escravidão e assim o faz sem afrontar diretamente a sociedade escravocrata que iria ler sua obra, já que a literatura canônica não pretendia afrontar ou representar a realidade de sua época, como afirma Flávio R. Kothe (2000, p.104): “não se tem no cânone o pensar e sentir da população brasileira, mas apenas de parcela de sua elite, ainda que esta consiga se impor como todo, fazendo com que aquela se identifique com o seu discurso”.

Desta forma seria inaceitável, por exemplo, que Úrsula fosse uma personagem negra ou que se tivesse publicado uma obra com uma protagonista

negra como Susana, uma negra de personalidade forte e que encara sem medo o cruel comendador, a autoridade da sua região.

Talvez por isso, conforme dito anteriormente, apesar de ter sido noticiada pela imprensa de sua época, a autora tenha ficado por décadas no esquecimento até seu resgate na segunda metade do século XX.

No primeiro capítulo do romance, temos a descrição de um jovem cavaleiro a atravessar uma linda paisagem e que, por estar desorientado, não percebe que, assim como seu cavalo, ele se encontra exausto e que por isso caem desfalecidos. Aqui a autora, assim como em um dito popular, faz o branco cair do cavalo, expressão equivalente a se dar mal, acreditando ler mais um romance como outro qualquer. Introduzindo sua primeira personagem negra, à primeira vista em mais uma cena em que um escravo socorre um branco que estava em apuros, Túlio chega de mansinho, é um homem, dócil, gentil e prestativo, que assim que percebe o jovem branco ao chão corre para salvá-lo, iniciando-se neste momento uma amizade incondicional. Nota-se que a escritora pretende demonstrar que os escravos são, sobretudo, homens, e que apesar da escravidão a que foram submetidos possuem sensibilidade e humanidade, o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma, e dedica uma página e meia para descrevê-lo com estas e outras características.

Dentre as mais diversas torturas a que os escravos estavam submetidos, tantas dores há em seu coração; e nós não compreendemos, é destacada a da compra e venda de escravos, momento em que é citada a mãe de Túlio. Túlio e sua mãe foram vítimas desta atrocidade, ao ser vendida esta se viu obrigada a deixar seu filho com Susana, porque era escrava, submeteu-se à lei, que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada. Nesta parte do texto temos o seguinte trecho “minha desgraçada mãe fez parte **daquilo** que ele comprou aos credores” (Úrsula, 2004, p. 168), a palavra *daquilo* foi destacada na obra pela autora e com este destaque a autora pretende demonstrar que a escrava não é um objeto e que a autora não concorda com o que estabelecia em lei e que era a mentalidade da sociedade de forma geral.

Tancredo, como forma de gratidão por Túlio ter salvo sua vida, lhe dá uma recompensa financeira a qual o escravo usa para comprar sua liberdade. Porém, continua com traços de servidão, sendo inclusive fiel a Tancredo até sua morte. Agora é a vez de entrar em cena preta Susana que lhe chama a atenção e o faz

perceber que apesar de alforriado e seu corpo estar liberto sua alma ainda é escrava, comparando com a vida que levava em sua terra de onde foi arrancada:

- Tu! Tu livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. (...) Liberdade... eu gozei em minha mocidade! – continuou Susana com amargura. Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. (Úrsula, 2004, p. 114)

Susana é uma mulher negra de grande personalidade; é a representação da voz dos escravos. É através dela que Maria Firmina realmente dá voz aos escravos, mostrando todas as atrocidades sofridas por eles. Susana dá uma verdadeira lição sobre o que é liberdade. Na obra foi dedicada uma página para isto, e sobre como os escravos deveriam viver, já que são homens e mulheres como os ditos senhores de escravos.

tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente de meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descanardas e arenosas praia, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres com o sorriso nos lábios e paz no coração (Úrsula, 2004, p. 115)

A autora dedica outras duas páginas para que Susana fale sobre os horrores de seu sequestro e transporte ao Brasil:

Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados (...) é horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (Úrsula, 2004, p.117)

A escritora dedica, além das citadas páginas para caracterizar suas personagens escravas e que inclusive estão presentes em todos os principais acontecimentos da obra, um capítulo inteiro para cada uma delas as inserindo como indispensáveis para o enredo da obra. Estes destaques se deram em um período em que escravos não tinham voz e quando eram mencionados em textos canônicos. Sua voz e atitudes eram branqueadas, desta forma moldadas para não confrontar a sociedade escravocrata. Maria Firmina, com isto, foi audaciosa e à frente de seu tempo tendo publicado *Úrsula* dez anos antes de *Navio negreiro*, famosa obra abolicionista de Castro Alves, e vinte e quatro anos antes de *O Abolicionismo* de Joaquim Nabuco.

Nos dois trechos acima destacados percebemos como Maria Firmina critica mais diretamente o sistema implantado no Brasil e demonstra sua posição quanto a ele. Além disso, quando a autora se refere, na obra, aos escravos utiliza expressões como *o miserável*, *o pobre negro*, *humilhados*, entre outras numa clara referência a forma de vida sofrida por eles.

Ainda sobre a Susana, assim como a escritora, é uma mulher que afronta o sistema em que está inserida. Após perceber que foi enganado pela escrava quando a questionou sobre o paradeiro da donzela, o comendador manda seu feitor trazê-la arrastada por um cavalo, por sinal o cavalo mais arreado que possuía. Durante o trajeto do feitor até à casa de Luísa, onde Susana estava ou deveria estar, se deparou com a mulher que caminhava em direção a casa do comendador para se entregar e de cabeça erguida e com a tranquilidade de quem não teme a morte, apesar do pedido do padre que a acompanhava para que desistisse de tal ideia, ela se manteve indiferente e continuou sua caminhada rumo a casa de onde só sairia envolta em uma mortalha para ser sepultada.

De maneira geral, a obra nos demonstra os horrores da escravidão como sequestro, o transporte em navios negreiros, a compra e venda de homens e mulheres negros, a humilhação, a submissão. Além da descrição com riqueza de detalhes do sequestro e do transporte dos negros narrados por Susana, temos a descrição do local de detenção e tortura para escravos que o seu senhor entendia que merecesse castigo: *quarto horrível*, *troncos*, *correntes*, *cepos*, *anjinhos*, *que se cruzavam* e a descrição das moradias. A do comendador era no rico sítio de Santa Cruz em uma colina com um belo panorama com coqueiros que enfeitam a frente da casa, já

o rancho dos negros, a mão do tempo e o abandono do proprietário tinham reduzido a um penoso estado de morbidez que causava dó,[pois] não dispunham de uma só hora no dia, que pudessem dedicar em benefício de suas moradas; à noite trabalhavam ordinariamente até ao primeiro cantar do galo. (Úrsula, 2004, p.166)

2.2. A Escravidão pelo Olhar do Branco

Fernando, o Comendador, um dos principais personagens da obra é um homem de posses, frio, calculista e que passa por cima de tudo e de todos para conseguir o que pretende. Fernando é a verdadeira representação do que é a escravidão e do que o senhor de escravo foi em sua maioria para os escravos. “O comendador P... derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, ao descrever este personagem o cenário é sombrio, traz consigo a morte, o terror, o desgosto,(...) de tão sinistro olhar.” (Úrsula, 2004, p.118)

Em um trecho a donzela Úrsula, ao voltar à mata de onde havia se despedido de seu amor, a jovem se sensibiliza com uma ave que fora alvejada sangrando até a morte em suas mãos, sujando, além de suas mãos, seu vestido de sangue. Curioso é notar que a ave, representação da liberdade na maioria das culturas, foi morta por Fernando sem nenhum motivo aparente, tal como fazia com a vida dos homens que escravizava. Apesar de ter sido mencionado antes da cena em que o comendador conhece a protagonista da obra, Fernando entra de vez com todas as suas características a partir deste ponto. Neste momento, Fernando ao conhecer a donzela e se ver rejeitado, inicia todas as atrocidades de que é capaz e que foram pinceladas antes deste episódio.

Quando a autora menciona o sobrenome das personagens o faz com a letra inicial como, por exemplo, em Luísa B, porém para o comendador apesar de chamá-lo de Fernando P em um determinado trecho ela o chama de Fernando F de P, certamente fazendo referência a um xingamento, demonstrando toda sua raiva pelas barbáries cometidas por ele ou de forma mais ampla pelas barbáries provocadas pelos brancos senhores de escravos, já que Fernando é a representação destes.

Apesar de Fernando F de P ser um homem capaz de causar sofrimento, dor e morte a várias pessoas tinha debaixo de seu teto um homem que prega a paz entre os homens. O comendador tinha um capelão em sua casa e este o tinha como amigo. O bem e o mal convivendo juntos “o comendador era um homem detestável e rancoroso, e o sacerdote parecia ser um santo varão.” (Úrsula, 2004, p. 178). Ao perceber que Fernando iria atrás de Tancredo com o objetivo de matá-lo, o santo homem o repreendeu, alegando ser pecado matar um irmão “não mancheis vossas mãos no sangue de vosso irmão! Filho, o assassino é maldito do Senhor” (Úrsula,

2004, p.193). Assim como se observa na história da escravidão no Brasil, o padre, apesar de considerar pecado o assassinato e reprimir o comendador por isso, chegando inclusive a brigarem por isso, na obra não existe repreensão por parte do padre quanto ao trabalho escravo que existia na fazenda do comendador, local onde o padre também vivia, trabalho este que levava à morte.

Para o branco, o escravo é apenas um elemento que ira trazer renda, conforto ou qualquer outro tipo de comodidade. Era inadmissível ser contrariado ou contestado. O senhor dos escravos quer que tudo gire em torno do que ele quer, tratando com verdadeira violência quem o contrarie ou ao menos pense que está sendo contrariado.

Eram escravos, estavam sujeitos ao caprichos de seu bárbaro senhor, dava ordens para serem cumpridas de imediato e a ordem era tão peremptória, que um outro cavalo apareceu como por encanto arreado, e os dois pagens montados em suas cavalgaduras. (Úrsula, 2004, p.180)

No episódio em que Fernando chega à casa de Úrsula e se depara com a negra Susana, a qual se ver obrigada a mentir sobre o paradeiro da donzela, causa verdadeira fúria ao branco que manda seus capatazes a trazer arrastada até sua presença, demonstrando claramente como a vida do negro não tem nenhum valor para ele. Ainda neste ataque de fúria, o comendador ordenou jornada dupla de trabalho para seus escravos que trabalhavam exaustivamente, movendo-se como máquinas, os desgastando e os aniquilando. Em outro momento, o comendador oferece metade de sua fortuna ao negro Túlio para que traísse seu amigo Tancredo. Túlio se nega e novamente o senhor dos escravos quase que enlouquece de fúria por ter sido contrariado e o aprisiona.

Outra marca que se observa é a submissão imposta aos escravos, mesmo aos livres. Quando o comendador se dirige a algum escravo, este deve olhar para baixo, não podendo olhar diretamente em seu rosto como se percebe no trecho: “Dois negros de cabeça baixa e a cabeça inclinada para o chão acudiu ao seu chamado” (Úrsula, 2004, p.179).

A religiosidade é tema presente em toda obra, inclusive com citações bíblicas. Quatro capítulos antes do fim da obra, em uma citação religiosa, a autora dá uma pista de como este seria o desfecho da vida de Fernando.

O senhor ama àqueles que na pureza da sua alma erguem-lhe os carmes de um hino melodioso, e abrem-lhe o coração como um sacrário sem mancha; ou, como a pecadora, mostram-se profundamente arrependidos; porque as lágrimas de um pranto sentido lavam a nódoa do pecado.(Úrsula, 2004, p.174)

Apesar de ter cometido diversas barbáries contra diversos escravos, de ter assassinado Tancredo, Túlio, Paulo e Susana e de ter causado a morte de sua amada depois de ter ficado louca, conforme o trecho acima, a autora parece dar uma segunda chance ao demônio: “Fernando! Chorai o pranto do arrependimento: sede caritativo e sincero que são vias para a remissão de vossos enormes pecados. Ainda é tempo” (Úrsula, 2004, p.227).

Ao final da obra, em homenagem à sua amada, Fernando F. de P., o comendador, torna-se o noviço frei Luís de Santa Úrsula, a quem chamavam – o louco.

CONCLUSÃO

Apesar de possuir elementos comuns às obras de escritores românticos tais como o refúgio na morte, religiosidade, amores, traição, dentre outros, sua obra destoa de seus contemporâneos pelo fato de apresentá-la sob a perspectiva do negro, por ter sido escrito por uma mulher, uma mulher brasileira, uma afro-descendente.

E ao se analisar a perspectiva do negro e do branco na obra se chega inicialmente a uma conclusão bem óbvia: para o negro a escravidão é viver no inferno; para o branco é algo normal e agem desta ou daquela forma, pois se faz necessário para que a sociedade de sua época possa progredir, porém se o leitor ficar preso a esta visão cairá do cavalo assim como Tancredo e se enredará na armadilha desta brilhante escritora e não perceberá o que as entrelinhas da obra nos trazem.

Em uma análise um pouco mais profunda pode-se perceber o quanto deve ter sido complicado e difícil para uma mulher, em sua época, poder dar voz a essas pessoas que eram marginalizadas ou simplesmente ignoradas pela sociedade. Em *Úrsula*, o negro tem voz, possui humanidade e, apesar de todos os sofrimentos pelos quais foi obrigado a suportar, sua alma não foi endurecida pelas torturas causadas pelo branco.

Aqui, o negro pôde falar sobre as torturas, as humilhações, o sequestro a que foi submetido sendo arrancado de seu País, e falar sobre liberdade e sobre os horrores da escravidão.

Sob a ótica do branco, temos a figura de um homem que mata, destrói, não reconhece o escravo como pessoa, o tratando com objeto, como parte de um sistema mercantilista, apesar de alguns escravos viverem na casa grande como *escravo de dentro de casa* e sofrer menos do que os demais, estes também eram torturado, ainda que sutilmente, já que deveriam estar sempre submissos a seus senhores. Apesar de tais escravos terem um pouco mais de liberdade eram escravos, e deviam acompanhar o senhor ou seus filhos numa liberdade ilusória.

O penúltimo capítulo, de número XIX, intitulado Despertar, chama a atenção pela engenhosidade da escritora. O século XIX é o da publicação de sua obra e é o capítulo em que o vilão da obra se arrepende e desperta para uma nova vida, onde

se arrepende e reconhece seus erros. E é este despertar que a autora queria para a sociedade, que esta se arrependa e reconheça seus erros dando uma nova vida à sociedade e aos homens escravizados.

Maria Firmina dos Reis demonstra seu repúdio à escravidão, este inferno que um homem impõe a outro homem, e fala diante da face da sociedade escravocrata que os homens escravizados têm sentimentos, não são meros objetos de trabalho. Com Susana a escritora grita pela liberdade dos escravos numa atitude abolicionista, e com Fernando demonstra o inferno que é a escravidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRETA, B. L; ALÓS, A. P. **A Voz e a Memória dos Escravos**. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/952/1114>>

NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. São Paulo: Leya, 2011. 367 p.

REVISTA ELETRÔNICA DA ACADEMIA LUDOVICENSE DE LETRAS, v. 2, n 1
Disponível em: <<http://https://ojs.unila.edu.br/ojs/index.php/IMEA-UNILA>>

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 4. ed. Organização, atualização e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2004.

SILVA, Régia Agostinho da. **A mente, essa ninguém pode escravizar**: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 359 p.